

A Gênese da Culpa: uma mulher em análise manifesta sentimentos a partir do trauma de uma cena em sua infância

The Genesis of Guilt:
a woman under analysis expresses feelings from the trauma of a scene in its infancy

Maria Aparecida da Silveira Brígido

Psicóloga, Mestre em Psicologia Clínica.
Participante do Grupo de Pesquisa em Aconselhamento e Psicologia Pastoral

Resumo

A análise de uma mulher, que buscou atendimento por não conseguir mais suportar seu sofrimento, trouxe a tona uma recordação de sua infância. A partir de uma situação referida foram sendo enlaçados e significados os fatos atuais de sua vida, que eram os geradores de dores psicológicas intensas. A partir de uma cena vivida na infância e que a marcou de forma intensa a vida da mulher, é possível pensar o tema da culpa. Sem que ela tivesse a noção da importância, da ressonância e da possibilidade de conexão do fato, mesmo que ocorrido em outro momento, em sua vida atual. Ao longo de muitos anos, viveu sem que pudesse perceber em si o quanto estava impedida como se fosse aprisionada, já que explicava para si mesma que era necessário atender às demandas de outras pessoas sem ocupar-se com suas próprias. Apesar de sentir o desejo de mudança, considerava que não poderia permitir-se ser feliz. As nuances não percebidas de sua culpa estavam no dia-a-dia desta mulher na forma de um viver em submissão, sem poder permitir-se ter pensamentos próprios, sem poder falar de si ou sobre si mesma, como se não pudesse existir. Na construção de sua subjetividade aparecem os aspectos da passividade e da submissão que a impediam de ficar “desperta” perto do companheiro.

Palavras-chave

Culpa. Complexo de Édipo. Masoquismo.

Abstract

The analysis of a woman, who sought care for no longer bearing her suffering has brought out a memory of her childhood. From this situation the actual facts of her life were being snared and meant, the facts which were the generators of intense psychological pain. From a scene lived during her childhood which branded her life intensively, it is possible to think on the theme of guilt, without her awareness of the importance, the resonance and the possibility of connection to the fact that happened at another time in her life today. Over many years, she lived without realizing how much she was trapped, since she has explained to herself that it was always necessary to correspond to the demands of other people without taking up of her own. Despite feeling the desire for change, she felt that she could not allow her to be happy. The unnoticed nuances of her guilt were in everyday life as a live in submission, unable to afford to have her own thoughts, without being able to talk about herself, as if she could not exist. In the construction of her subjectivity appear the aspects of passivity and

submission that prevented her from being awake when she's near her companion.

Keywords

Guilt. Oedipus complex. Masochism.

Considerações Iniciais

Observar é uma das ações que o psicólogo¹ e o psicanalista realizam em seu trabalho clínico. Esta atividade proporcionou a Sigmund Freud a possibilidade de escrever e construiu a teoria calcada em sua prática clínica. Desta forma os conceitos psicanalíticos são o resultado das reflexões geradas pelos estudos teóricos e pelas observações dos pacientes e conseqüentes intervenções. O que era dito pelas pessoas que buscavam Freud para tratamento, e as intervenções feitas por ele eram calcadas em suas construções teóricas.

O caso de Iara

Em certa ocasião, uma jovem procurou análise, pois, seu sofrimento era muito intenso. Tinha um relacionamento com um homem e se perguntava o que a fazia continuar a relação, já que não tinha mais afeto por ele. Percebia também que não conseguia realizar coisas em sua vida que a deixasse feliz tanto no trabalho, como na faculdade, e com seus amigos. Muitas vezes não queria acordar pela manhã e sair de casa para seus compromissos. Seus fins de semana eram passados com o namorado nos quais fazia os programas dele, com amigos dele, na casa dele. Além disto, era solicitada a lhe alcançar dinheiro para pagar suas contas, ele usava seu automóvel, e não a acompanhava quando eventualmente tinha algum encontro com amigos da faculdade ou dos tempos de escola. Não concordava com seus pontos de vista quer fossem religiosos, éticos e principalmente sobre suas convicções morais. Quanto a sexualidade não tinham nenhuma afinidade quanto ao que poderia ser o prazer compartilhado entre os dois. Só era possível ter uma relação sexual na qual ele ditava regras sem que ela pudesse negar-se a elas. A partir de seu namorado muitas práticas sexuais eram propostas e que visivelmente eram degradantes aviltando o seu corpo e seu querer.

Desta forma Iara dizia que não era feliz e queria mudar o sofrimento que arrastava há muito anos. Não era uma adolescente, mas neste período dizia ter usado vários tipos de drogas, costumava lesionar as pernas cortando-as com objetos pontiagudos, tinha frequentemente sonhos com mortos, com situações nas quais precisava fugir de

¹ BARTHÉLÉMY, Jean-Marie; BARTHÉLÉMY, Annie . *Curso A psicopatologia fenômeno-estrutural: aproximação teórica, clínica, psicopatológica e terapêutica*. Departamento de Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. 19, 20, 21 de agosto de 2013.

perseguidores que queriam matá-la. Frente a isto se recusava dormir, pois, tinha medo de sonhar.

Certa ocasião recorda-se de uma cena ocorrida em alguma época de sua vida. Nesta cena está sua mãe a dizer para sua avó que todas as desgraças ocorridas na família ocorreram a partir do nascimento de Iara. No diálogo das duas mulheres, a mãe refere que se tornou aprisionada pela tarefa de ser sua mãe. Frente a isto não conseguiu mais ser uma boa mulher para o marido e sobreveio uma separação, já que este estava se relacionando com outra que o atendia melhor já que não tinha uma filha para cuidar.

Esta cena lembrada desencadeou movimentos em seu processo de análise nos quais conseguiu mergulhar na sua proposta de mudar o que a fazia sofrer, pois, sempre se colocou no lugar de responsável pelas desgraças de sua mãe. Para ela, não era possível ser feliz já que a vida de sua mãe era tão miserável, segundo suas próprias reflexões, e fora por sua causa que isto acontecera.

Qual a relação com a culpa?

A culpa ou o sentimento de culpa na teoria psicanalítica está em muitos dos textos pode-se abrir espaço para as discussões iniciando pelas questões edípicas. Sabe-se que no período chamado Complexo de Édipo que se desenvolve o processo no qual a criança a partir de seus pais a internaliza a moral, a lei, a capacidade de se reconhecer frente ao outro. É um processo no qual correm organizações e sedimentam-se construções que se refletem no modo de ser e do funcionamento psíquico das pessoas. Neste período complexo, as inter-relações contribuem com a organização da identidade dos sujeitos. Os elementos aí dispostos serão os componentes que estarão direcionando a vida de cada um no futuro. É neste período que as identificações com as figuras parentais se introjetam, que a identidade sexual se organiza frente ao intrincado processo identificatório e que o superego, herdeiro do Complexo de Édipo, marca o psiquismo humano².

É a partir deste período que surgem e organizam-se certos movimentos psíquicos. Podendo a culpa estar associada a uma dinâmica psíquica ligada ao sofrimento, pode-se pensar sobre uma destas questões que intrigou Freud. O que levaria alguém a se manifestar contrariamente ao que ele sempre postulou, ou seja, o psiquismo objetiva alcançar a sensação de satisfação, o prazer e evitar o desprazer. Ele constatou que em alguns casos a vida gira em torno do desprazer e da insatisfação. Por este viés a teoria do masoquismo entrou na pauta das reflexões e resultou nos grandes escritos freudianos sobre o assunto. A inquietação surgida foi frente ao fato de alguém ter e sentir prazer com

² FREUD, Sigmund. O ego e o id. In: _____. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980a, v. 19. p. 42-54.

o sofrimento. Existem várias formas como se apresenta o masoquismo e para Freud³ uma das formas é o masoquismo moral.

Os movimentadores da vida são os estímulos que tencionam a mente e é a qualidade deles sobre a vida mental que proporcionam resultados diferentes que se exteriorizam em ações e comportamentos. Há por esta via de compreensão princípios frente aos quais a mente se movimenta. Um dos princípios chamado Nirvana, faz com que a mente queira reduzir suas atividades e tensões ao máximo; outro princípio, o de prazer é o chamado vigia da vida, pois, não permite a estagnação, e está sempre em movimento para descarregar-se dos excessos; o princípio chamado de realidade é aquele que frente realidades da vida e do mundo movimenta-se de acordo com uma protelação do prazer imediato, e concorda com certo desprazer devido à tensão. Os três princípios não agem sozinhos e independentes, mas um de acordo com o outro.

Considerando o funcionamento psíquico, o princípio de prazer faz com que a dor e o sofrimento sirvam de alerta para serem evitados, entretanto quando ambos tornam-se objetivos na dinâmica mental e no comportamento de alguém, tornam o princípio de prazer paralisado. Esta é a relação do masoquismo com o princípio de prazer: este fica fora de ação como se estivesse sob o efeito de uma droga. E considerando o masoquismo moral este está na relação do ego com o superego⁴.

O ego é uma parte ligada ao mundo externo e a realidade, enquanto o superego está voltado somente para o interno do psiquismo. Sendo o superego uma parte do ego salienta-se que entre estas duas instâncias da mente existe uma ligação que vem a se refletir na dinâmica do masoquismo moral. O superego estando cumprindo a sua função de auto-observador, de reconhecimento da consciência moral, de construir dentro do sujeito a lei e as proibições necessárias para a convivência, é um aliado a manutenção da organização social e bem viver. Entretanto ele poderá ser muito rigoroso, inflexível tornando o ego culpado e ativando um sentimento de inferioridade.

Se ao longo do desenvolvimento o sujeito construir bases calcadas no amor a si mesmo, resultante dos investimentos feito pelos pais e da forma como a própria pessoa se reconhece como importante para o outro, as energias psíquicas refletem-se nas manifestações e nas ações. Caso ocorram falhas na construção ou reconhecimento do amor de si mesmo, tem-se uma construção superegóica que irá exceder-se nos julgamentos do sujeito consigo mesmo. Estabelece-se uma subjetividade na qual há um devedor e um credor frente a uma dívida que precisa ser paga e que nunca conseguem este objetivo, pois, ambos estão na mesma pessoa: o que deve e o que cobra.

³ FREUD, Sigmund. O problema econômico do masoquismo. In: _____. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980b, v. 19. p. 197-214.

⁴ FREUD, 1980a.

Os sintomas são o resultado de conflitos que existem no interior daquele que fala sobre um sofrimento que se estabeleceu em uma época de vida na qual as informações vindas de fora, como palavras, cenas, entram na corrente do desenvolvimento e marcam de forma singular a pessoa⁵. Geralmente esta pessoa é uma criança que por sua imaturidade psíquica estabelece para si uma forma de processar o que lhe ocorre.

Desta forma, Iara, escutou de sua mãe algo que a marcou de alguma forma. Esta forma resultou em uma dinâmica psíquica na qual ela se responsabiliza pelos fatos ocorridos entre sua mãe e seu pai. Estando em um momento de vida no qual as relações entre pais e filhos se desenrolam permeados pelos sentimentos de amor, hostilidades, preferências e identificações, o jogo entre os estímulos e os princípios que regem a vida mental organizam estruturas que ficam sedimentadas e poderão causar grandes sofrimentos. A paciente lembrando-se da cena abre a possibilidade de fazer o caminho que é do seu sintoma até a recordação que lhe veio à mente, um dos objetivos da análise.

Ao longo do tempo as relações da paciente com namorados, pai e mãe, sempre foram marcadas por uma dificuldade em expressar o que queria o que gostava, sempre se colocando fragilmente à mercê do que os outros queriam dela. Ao chegar a idade adulta submetia-se ao companheiro humilhando-se, expondo-se sem conseguir se desvencilhar de algo, como uma trama que enredava e lhe torturava e lhe causava mais sofrimento. Ela própria dizia, por que não consigo fazer diferente? Por que não consigo decidir a não fazer o que os outros querem de mim?

As respostas para si começaram a aparecer quando Iara disse que não merecia ficar bem, não era digna de ter uma vida boa, que ter um parceiro que a humilhava e a fazia sofrer, era o seu destino, não merecia ninguém diferente. Ao responder a pergunta: por que não mereces? A resposta foi por que fizera um grande mal para sua mãe e precisava pagar por isto. Da palavra ouvida em uma cena lá de sua infância ocorreu uma construção interna em que a fantasia existia como uma realidade. Esta era a realidade que existia no interior da paciente e que fez com que ela própria se submetesse aos castigos infligidos por ela mesma a si própria. Ela se culpava e também se punia quando se submetia aos comportamentos sádicos de seu companheiro. O prazer desta paciente estava ligado aos sofrimentos de sua vida em submissão, sem amor próprio, ser alguém que pudesse desfrutar de seus talentos e capacidades, já que ela os possuía mas, não conseguia nem perceber e sentir.

Considerações finais

O sentimento de culpa, portanto, inconsciente e traduz uma necessidade de punição executada por alguém ou pela própria pessoa que se sente culpa. Quando a

⁵ SILVA, Antonio Franco Ribeiro da (Org.) *Culpa. Aspectos Psicanalíticos, Culturais & Religiosos*. São Paulo: Iluminuras, 1998.

punição é executada em si próprio e há um desejo inconsciente nesta satisfação se constato o masoquismo moral. Para Freud, o masoquista age de acordo com o que é desaconselhável para si, arruína suas perspectivas e muitas vezes destroem sua existência real.

Desta forma, as origens da culpa podem estar em uma experiência ocorrida em um tempo precoce da vida de uma pessoa. Uma cena assistida, um fato ocorrido, pode marcar e a partir desta marca se organizar estruturas ou dinâmicas que geram culpas e levam o sujeito a alterar a sequência de ser feliz sem a necessidade da dor moral.

[Recebido em: agosto de 2013;

Aceito em: novembro de 2013]